

O que pode a mediação audiovisual na formação em psicologia?

What can audiovisual mediation do in training in psychology?

Eliane Regina Pereira
Bárbara Maria Turci
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)
Uberlândia/MG-Brasil
Allan Henrique Gomes
Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE)
Joinville/SC-Brasil

Resumo

Acreditamos que a arte seja fundamental para uma formação em psicologia, de modo que o conhecimento produzido seja capaz de ampliar o olhar, a escuta e as compreensões para a vida cotidiana. A partir dessa consideração, buscamos refletir como a disciplina “Arte e Formação de Psicólogos” se constituiu experiência estética. Para tanto, analisamos os audiovisuais produzidos pelos participantes, identificando temáticas recorrentes, e os que transversalizavam as obras por eles produzidas ou que as transformassem em uma obra singular. Os resultados das produções permitiram fazer com que elas fossem divididas em três categorias: Cotidiano, Expressão de si e Conceito. Concluímos que o audiovisual exige uma composição, uma escolha pensada sobre o que e como mostrar, e, com isso, ele apura o olhar, ele mostra a vida, o entorno, as tramas que compõem o cotidiano e formam os sujeitos.

Palavras-chave: Audiovisual; Estética; Formação do psicólogo.

Abstract

We believe that art is fundamental for training in psychology, so that the knowledge produced is capable of widening the view, listening and understanding of everyday life. From that consideration, we seek to reflect on how the subject “Art and Psychology Training” was constituted as an aesthetic experience, thus, we analyzed the audiovisual material produced by the students, identifying recurring themes, links that transversalized the works or that bonded them into a singular work. The results of the analysis were divided into three categories: Daily Life, Self-Expression and Concept. We conclude that the audiovisual work requires a composition, a thoughtful choice of what and how to display it, therefore it refines the look, it shows life, the surroundings, the plots that make up daily life and constitute the individuals.

Keywords: Audiovisual; Aesthetics; Psychology training.

1. Introdução

Oliveira *et al.* (2017, p. 14) resgatam a história do processo de formação em psicologia, apresentando não apenas as propostas de concepção profissional, como também seus resultados e concluem que é um desafio discutir e construir diretrizes para a formação, pois “a complexidade do objeto de estudo da psicologia contribui certamente para a diversidade epistemológica, metodológica e técnica que caracteriza nossa ciência e, ao mesmo tempo, cria inúmeras possibilidades e campos de atuação”.

Em 2018, o Conselho Federal de Psicologia, publicou um documento construído coletivamente, o qual discutia as atuais diretrizes da formação e apresentava uma nova minuta para os currículos nacionais dos cursos de psicologia e, nesse documento, nos lembrava que o estudante não deve ser um agente passivo, mas, ao contrário, os cursos deveriam adotar concepções de ensino-aprendizagem que o envolvesse no processo, pois somente assim tem-se a chance de alcançar uma formação crítica. É defendendo a importância dessa formação crítica, uma formação que se preocupe em reduzir as desigualdades sociais e todas as formas de discriminação, que assumimos e intencionalmente utilizamos práticas inovadoras e sensíveis, tendo a arte como base do nosso trabalho.

Compreendemos a arte como mediação fundamental para uma formação ética, estética e política, de modo que o conhecimento produzido seja de fato internalizado e capaz de provocar alterações efetivas no sujeito. É ampliando a sensibilidade para a arte, que ampliamos o olhar, a escuta e as compreensões para a vida cotidiana, ferramentas de trabalho tão importantes para o psicólogo. Dessa forma, este texto se inscreve como a expressão de parte de um trabalho que, em sala de aula e fora dela, constituiu-se como experiência estética. Assim, ele apresenta reflexões acerca de como a disciplina Arte e Formação de Psicólogos contribuiu para a formação sensível de uma turma de alunos de psicologia.

2. O percurso

A disciplina citada é optativa, tem um formato teórico, com uma ementa ampla, a qual propõe a discussão da relevância da arte no processo de formação em psicologia. Como alguns professores alternam sua oferta, a metodologia é frequentemente modificada. Além disso, um elemento a ser destacado é a pluralidade na constituição da turma, pois, por ser optativa, os participantes vêm de diferentes períodos do curso, com diferentes trajetórias de formação.

No ano de 2017, a disciplina foi, então, dividida em teoria e prática, uma escolha realizada a partir da intenção de ser coerente com um processo de ensino-aprendizagem que proporcione a possibilidade de os(as) estudantes se desenvolverem por meio da atuação concreta em seu cotidiano. Na parte teórica, organizamos aulas que apresentavam conceitos sobre arte, estética e psicologia, tendo Vigotski como autor central das discussões. Já a parte prática foi construída no formato de oficinas, cada uma mediada por um artista local, convidado para apresentar sua prática artística e, a partir dela, discutíamos o que é arte, qual o papel da arte na vida das pessoas/participantes e como se deu o processo criativo.

Assim, foram realizadas seis oficinas: fotografia e cinema; escrita criativa (realizada em dois momentos diferentes, um sobre poesia e crônicas e outro sobre roteiro de teatro); grafite; artes plásticas; e música. Após cada oficina, os(as) participantes eram convidados(as) a ir além da condição espectadora e mobilizados(as) ao processo de criação, vivenciando a realização artística.

Essa atividade criadora passava a ser a tarefa de casa e, para tal, os participantes recebiam orientações quanto à sua forma geral. Sua apresentação era realizada como postagem em um blogⁱ coletivo construído por todos, que ficavam responsáveis por acompanhar as postagens. Uma semana depois da oficina, era realizada uma discussão em sala de aula a respeito do que foi compartilhado.

Neste artigo, optamos por analisar as produções criadas a partir da oficina de cinema. Essa escolha perpassa pelas próprias produções resultantes das aulas e oficinas, cujos conteúdos expressam uma síntese do que entendemos terem sido os efeitos das práticas propostas no processo de ensino-aprendizagem e de desenvolvimento dos participantes. O material em formato de vídeo proporciona, ainda, uma visão de seu movimento fora da sala de aula.

A oficina de cinema foi a primeira do semestre e foi coordenada pelo artista Yuji Kodatoⁱⁱ, psicólogo de formação, que atua como fotógrafo e realizador de audiovisual. Nessa oficina, ele apresentou uma série de equipamentos de fotografia e captação de som e discutiu seu trabalho a partir de duas obras audiovisuais que realizou. Primeiro apresentou trechos de um documentário sobre as peregrinações de fiéis de várias cidades de Minas Gerais a caminho da cidade de Romaria para agradecer as graças recebidas e, na sequência, explorou um curta, no qual gravou, ao longo de um ano, as imagens do cotidiano do seu bairro a partir das janelas do seu apartamento: a rotina dos moradores, dias de chuva e de sol, de trânsito e ausências,

O que pode a mediação audiovisual na formação em psicologia?

noites e dias, construções e seus trabalhadores, os acontecimentos banais ou não do dia a dia.

Gomes (2016) escreve que a mediação audiovisual pressupõe relações equitativas, não há um gênio diretor que revela ou explica uma realidade na obra e nem um espectador que a absorva conforme desejaria o gênio. “O que potencializa esteticamente uma obra é o material que ela recolhe da vida sem ter a pretensão de gerar um efeito exclusivo” (GOMES, 2016, p. 64). A presença de artistas em sala de aula, compartilhando seu processo criativo e refletindo seus produtos também se deu nessa perspectiva da mediação audiovisual, sem uma finalidade específica ou pré-definida. Ao propor oficinas, sabíamos que alguma aprendizagem técnica poderia emergir. Todavia, o objetivo era constituir diálogos que ampliassem as relações arte e vida e que, ao mesmo tempo, indicassem pistas sobre a realização artística, manifestassem sua complexidade, no sentido de que a arte exige deslocamentos e formas não pragmáticas de pensar e sentir, potencializando a experiência estética, ou seja, uma provocação no campo sensível.

Neste sentido, a proposta da oficina foi exibir algumas cenas cotidianas, oferecendo aos participantes referências que pudessem mediar o olhar deles para outros cotidianos, ou melhor, para o cotidiano habitado por eles(as) próprios(as) e/ou próximo de suas vidas. A ideia era mesmo possibilitar que os(as) participantes enxergassem detalhes periféricos e residuais, cenas cotidianas pouco percebidas, as quais ampliassem sua sensibilidade para as coisas simples.

Após a mediação na oficina, os participantes foram convocados ao processo criativo, fazendo-se espectadores do cotidiano e realizadores de uma obra audiovisual. Nessa condição, espectadores/realizadores foram desafiados a olhar detalhes e minúcias cotidianas para compor um texto audiovisual. Com respeito ao vídeo, foram orientados sobre o tempo máximo de cinco minutos e de que teriam uma semana para fazê-lo. Assim fizeram, postaram no *blog* coletivo e se fizeram também espectadores das obras, dos cotidianos de seus colegas de percurso. A experiência dessa oficina e do que se seguiu na disciplina marcou também as autoras deste texto e, por conta da qualidade de todo o processo, decidimos revisitar estes vídeos, focalizando a presente investigação especificamente neles.

A primeira etapa do processo de análise foi dirigida pela premissa da singularidade de cada obra e, para isso, iniciamos o processo assistindo aos vídeos sem categorias a priori, sem

lentes de interpretação. Os pesquisadores acessaram aos vídeos diretamente no blog coletivo, sem uma definição de roteiro de especção. Cada autor realizou a audiência individualmente, buscando perceber e anotar detalhes, fazendo-se espectador de cada obra no seu tempo, nas suas reflexões, afetos e curiosidades. Assistimos com algum distanciamento do percurso realizado na disciplina, em partes, pela temporalidade, mas também, pela inclusão de um pesquisador que não participou das oficinas em 2017.

Depois das audiências individuais, realizamos uma reunião de pesquisa para o diálogo das percepções, as anotações e os registros, comunicando afetos, detalhes e algumas suposições de caminhos para o processo de análise. A passagem da primeira para a segunda etapa do processo analítico pode ser pensada como uma relação entre texto (vídeo) e contexto de criação (formação em psicologia). Coletivamente, construímos uma questão que dá título ao artigo “o que pode a mediação audiovisual na formação em psicologia?” e, por ela, seguimos orientados para mais um tempo de audiências.

Na segunda etapa do processo de análise, a audiência foi mobilizada por uma “lente” mais focalizada com respeito aos elos que poderiam ser compreendidos entre os vídeos. Apesar dessa definição, mantivemos em aberto o olhar para os vídeos, mas começando a associar palavras e conceitos que as obras nos transmitiam no processo de audiência.

Vale destacar que esse modo investigativo tem na especção uma de suas atividades mais significativas. Na obra *o espectador emancipado*, Rancière (2012) brinda-nos com a dimensão intelectual que pode estar presente nessa função aparentemente aquietada do espectador. Mediados pelo autor, recuperamos também para a produção do conhecimento esse lugar/relação, historicamente melindrado como papel passivo e não reflexivo.

Depois que associamos palavras aos vídeos, definimos categorias temáticas entendendo-as como lentes e enquadres para a questão que fizemos, a saber: refletir acerca do vídeo/texto no contexto da formação em psicologia. Dessa forma, todos os vídeos foram “lidos” como um enunciado que pudesse indicar “respostas” à questão principal da pesquisa.

Para esse trabalho, um total de 17 audiovisuais foi analisado, tendo sido excluídos da continuidade da pesquisa 03 vídeos que se encontram sem somⁱⁱⁱ. É importante destacar que, associado a cada produção, os participantes anexaram ao *blog* uma sinopse, porém, para fins de análise, optamos por não as considerar, de modo que não interferissem na análise.

O que pode a mediação audiovisual na formação em psicologia?

Tabela 01. Informações sobre os audiovisuais produzidos

Título	Realizador	Tempo
Onde eu cresci	Paula Santana	1m 10s
Eternizando momentos	Ana C. Alves Borges	2m54s
Meu avô e o seu computador	Isabela B. Marquez	2m10s
O corredor da avó	Lara Martins	1m
É da alma que canta que emana	Lorraine Suzan	2m25s
Qualquer dia	Letícia Carolina Boffi	1m24s
O mais íntimo de mim	Camila F. Troina	2m13s
Minha sombra	Lihury C. Evangelista	1m27s
Entre vidas	Tatiane Bezerra Oliveira	58s
Pôr do Sol	Evandro Neto	1m14s
Sempre tive vontade de morar em prédio	Maria Eduarda Matos	1m41s
Passos, carambola, música e Adélia...	Angela Vinhal Ferreira	1m14s
Outra vez, mais uma vez e sempre	Bruna Alvez	50s
Entre o aqui e o lá	Luiza Sanchez Ferreira	40s
Tempo	Karolyn Marilyn	50s
Meu espaço	Tayna Porto Leite	1m35s
GESCHICHTLICHKEIT	Bruno dos Santos Queiroz	2m23s

Fonte: Os autores

Os resultados das produções que estão descritas na tabela acima foram divididos em três categorias: (I) Cotidiano, (II) Expressão de si e (III) Conceito. Mantendo coerência com a proposição da oficina, também na análise entendemos que não há no audiovisual uma única leitura e, por isso, um mesmo vídeo pôde transitar em mais de uma categoria temática.

3. Experimentações

Nunca a questão do olhar esteve tão no centro do debate da cultura e das sociedades contemporâneas. Um mundo onde tudo é produzido para ser visto, onde tudo se mostra ao olhar, coloca necessariamente o ver como um problema. Aqui não existem mais véus nem mistérios. Vivemos no universo da sobre-exposição e da obscenidade, saturado de clichês, onde a banalização e descartabilidade das coisas e imagens foi levada no extremo. Como olhar quando tudo ficou indistinguível, quando tudo parece a mesma coisa? (PEIXOTO, 1999, p. 361).

É criticando o excesso, a espetacularização, a banalização do olhar, a pressa, que destacamos a importância da experimentação audiovisual na formação de psicólogos. Parece contraditório, mas não, pois escolher o que focar, que ângulo e que movimento oferecer, que música adicionar, pode construir o que Peixoto (1999) chama de profundidade no olhar, de reintrodução da imaginação e de outros tipos de linguagem naquele lugar cotidiano. Quando fala do olhar do estrangeiro, o autor o descreve como aquele que não é do lugar, que acabou de chegar e, por isso, é capaz de enxergar as coisas como se fosse a primeira vez, perceber os detalhes, as cores, os sons, a profundidade.

Vigotski (2009) escreve sobre a atividade criadora e afirma que o sujeito cria e transforma, com base na realidade. Essa forma artística, o audiovisual, portanto, permite que o sujeito não apenas olhe a imagem, mas crie, invente, produza novos sentidos, transforme e se transforme com base na realidade.

3.1. Categoria I - o cotidiano

O que é o cotidiano? Será que a expressão se refere a algo simplesmente mundano, uma parte corriqueira e irrelevante da vida, separada e distinta dos acontecimentos importantes ou, ao contrário, o cotidiano é tudo que temos? Argumentamos que todos vivem no seu cotidiano sejam eles presidentes, prefeitos, reis e rainhas, chefes, escriturários, moradores de rua ou qualquer um de nós (SPINK, 2008, p.70).

Spink (2008) nos ajuda nesse texto a entender o que é o cotidiano e a importância dele para nós, psicólogos sociais. Ele escreve que o cotidiano é o lugar das sociabilidades e da materialidade, o lugar dos encontros e desencontros, do fluxo diário, das possibilidades concretas, das conversas espontâneas. Se o cotidiano é o lugar onde a vida acontece, onde as trocas sociais se desenrolam, onde os sentidos são produzidos, o autor defende que é fundamental ao psicólogo prestar atenção e se perceber pertencendo ao cotidiano, não como pesquisador participante, mas como pesquisador conversador do e no cotidiano.

Esse tema foi central na oficina de fotografia e cinema, quando o artista convidou a todos para olhar o cotidiano e fez esse convite apresentando uma experiência com câmera fixa na janela do apartamento, ele direcionou a atenção dos participantes. Esse direcionamento pode ser evidenciado no audiovisual “Pôr do Sol”, no qual o participante/realizador direciona a câmera para o céu e escolhe filmá-lo se transformado, as casas com suas luzes acesas, as nuvens que parecem correr, tudo se movimentando à medida que o sol se põe, menos a câmera que se mantém fixa, como a experiência apresentada pelo artista.

Em “O corredor da avó”, a câmera também está fixa, mas o que vemos não parece mudar, nem se transformar, é uma planta no corredor da avó. São os sons que nos movimentam e, na câmera fixa, ouvimos um encontro: são conversas familiares, são risadas, balbúcio de crianças. Outro audiovisual de câmera fixa é “Meu avô e seu computador”. Nele, a realizadora estabelece uma conversa com seu avô e filma o avô de frente ao computador, explicando como o mundo virtual se inseriu e modificou o cotidiano do idoso. Ela nos

O que pode a mediação audiovisual na formação em psicologia?

apresenta o dia a dia desse sujeito e nos ajuda a enxergar sua relação com o mundo virtual, com um conteúdo que quase sempre nos passa despercebido.

O cotidiano e a câmera em movimento também são apresentados em alguns audiovisuais. Em “Onde cresci” e “Sempre tive vontade de morar em prédio” as participantes nos apresentam suas casas. No primeiro, somos convidados a conhecer o quintal, os pets, as árvores, o balanço da infância. No segundo, a participante nos convida a entrar, a conhecer os animais domésticos da família, a rotina, os barulhos da casa e das pessoas. No audiovisual “Entre vidas”, acompanhamos da sacada de uma das salas da universidade o movimento dos carros, enxergamos as árvores, o sol, a chuva, a estrada, tudo isso em um movimento duplo: dos carros e do direcionamento da câmera.

Acompanhamos o cotidiano caminhando junto à câmera em duas outras produções: “Meu espaço” e “É da alma que canta e emana”. No primeiro, temos oportunidade de andar pela universidade, pelos corredores dentro e fora do prédio, vamos ao estacionamento, vemos encontros, pessoas que chegam e saem. É dia a dia, é rotina. No segundo, somos convidados a viajar com a participante. É cotidiano, mas não é rotina o que ela nos apresenta. Ela nos leva à praia e ao mato, tem sol e dia nublado, tem o nascer e pôr do sol, tem brinquedo e brincadeira, danças, caminhadas e abraços.

Diante da oportunidade de analisarmos vários quadros do cotidiano dos participantes, optamos por escolher aqueles que por algum motivo sintetizam a categoria. Sendo assim, o destaque é para o audiovisual “Entre o aqui e o lá”.

Figura 1. Trechos do audiovisual “Entre o aqui e o lá”



Foto: Registro dos autores. Arquivo pessoal

A proposta é aparentemente simples, a câmera está fixa, direcionada para as escadas do prédio e a personagem sobe e desce as escadas várias vezes, com passos ora lentos, ora apressados; ora ela salta de dois em dois degraus, ora salta um único degrau sempre com a ajuda do corrimão; ora ela caminha em linha reta, ora ela anda em zigue-zague. A participante radicaliza, ela desfuncionaliza o objeto, ela o experimenta de modo lúdico, ela o desloca ao se deslocar. A escada deixa de ser objeto de acesso, de conexão entre o aqui e o lá, para se tornar objeto de brincar. A câmera fixa filma os pés que se movimentam no sobe e desce de alguém que não vai a lugar algum e ao mesmo tempo nos convida a ir para o lugar da invenção de um sujeito que brinca com o cotidiano.

Em todos os vídeos somos espectadores de cotidianos em movimento. O cotidiano é palco, é o lócus do viver, nos diz Heller (2016) e corremos todos o risco de viver o cotidiano sem experienciá-lo. O que esses audiovisuais nos convidam a contemplar é justamente a possibilidade de experienciar o cotidiano. Um cotidiano que marca e ao mesmo tempo é marcado pelo sujeito, que deixa de ser uma sucessão de acontecimentos, de trajetos, de fluxos, de desencontros, para um cotidiano que se faz ao ser olhado, pensado, sentido, no qual os trajetos são roteiros criados e vivenciados, fluxos são sentidos, pessoas, passos, e desencontros são transformados em encontros.

Spink (2008, p.72) aciona em nós uma reflexão sobre a importância de formarmos profissionais da psicologia, capazes “primeiro de aprender a prestar atenção a nossa própria cotidianidade, reconhecendo que é nela que são produzidos e negociados os sentidos e, segundo, de aprender a fazer isso como parte ordinária do próprio cotidiano, não como um pesquisador participante e muito menos como um observador distante, mas simplesmente como parte”. A experiência com o audiovisual nos movimenta e permite que o sujeito do cotidiano, esteja, de fato, implicado e inteiro. E nos ajuda a entender que é no cotidiano que vivenciamos os dramas, os desafios e que é esse mesmo cotidiano que nos revela as possibilidades de subversão, de potência e de transformação.

3.2. Categoria II - expressão de si

Expressar a si mesmo significa sintetizar a realidade na própria existência. Todos nós escancaramos em nossa singularidade as particularidades de um mundo universal, em maior ou menor intensidade, carregamos na aparência aquilo que só encontra origem na essência das relações que nos constituíram. Os audiovisuais que locamos nessa categoria evidenciam um espaço de expressão ao menos parcial dessa síntese: podemos ter um vislumbre da

O que pode a mediação audiovisual na formação em psicologia?

intimidade, da casa, das relações familiares, das perdas, por meio da dimensão pessoal do olhar do próprio participante sobre alguns aspectos de sua vida.

Pasqualini e Martins (2015) nos ajudam a entender que podemos compreender mais sobre como cada sujeito se orienta na realidade, quando temos a possibilidade de nos aproximarmos de suas vivências singulares. A partir disso, arriscamos dizer que ao tornar o sujeito criador de um objeto estético em que ele possa se colocar, ele tem a oportunidade de revisitar suas próprias experiências, dar outras formas a esse conteúdo e, portanto, compreender outros modos de enxergar tanto a própria vida como a realidade em si.

“Onde eu cresci” é um desses trabalhos, no qual a intimidade fica evidenciada. A realizadora filma e descreve a chácara onde viveu até os 13 anos e vai relatando que ela será vendida e ali vai surgir um grande condomínio. O audiovisual tem leveza, é carregado de emoção, de recordação e ela destaca que as memórias não se apagam, que as memórias a constituíram.

Em “Eternizando momentos” e “Meu avô e seu computador” os participantes filmam pessoas importantes. No primeiro, o audiovisual revela uma avó com Alzheimer, destaca o quanto a convivência com essa avó a marcou e o quando é difícil percebê-la distante, mesmo estando perto. No segundo, conhecemos um avô cheio de vida, um avô que acessa o computador, que lê notícias, que ensina a usar o computador.

Três outros, “Corredor da avó”, “É da alma que canta e emana” e “Qualquer dia” evidenciam expressões de si. No primeiro, a câmera fica presa, direcionada para uma parede do corredor da avó. O som que ouvimos é de conversas da família, pessoas falando ao mesmo tempo, um dia qualquer na casa da avó. A realizadora nos leva para dentro de casa, para o encontro, mas ao mesmo tempo se mantém segura, não se mostra, não apresenta as pessoas. Nós passamos a conhecer sem ver ninguém. No segundo, a câmera nos convida a conhecer lugar. A realizadora filma águas, paisagens, pessoas, passos e se apresenta. Ela brinca com a câmera e brinca em frente a câmera. Nos convida a conhecer lugares que já conheceu e, ao mesmo tempo, nos convida a conhecê-la. No terceiro, a brincadeira é real. Além de filmar o dia, a chuva, as plantas, à noite, a realizadora decide filmar a avó brincando com dois netos, eles jogam bola, riem alto, se divertem.

Ao entender que a arte nos auxilia a entender e a dar forma a nossos próprios processos e ao contexto em que nos encontramos, poderíamos assumir que todos os

audiovisuais expressam, de certa forma, cada um dos participantes. Uma obra, no entanto, merece destaque por ter tão claramente explicitado o significado dessa categoria. O destaque é o audiovisual “O mais íntimo em mim”.

Figura 2. Trechos do audiovisual “O mais íntimo de mim”



Fonte: Registro dos autores. Arquivo pessoal

Essa criação se constitui como uma sequência de fotos tiradas de uma filmagem antiga, cujos acontecimentos vão sendo narrados. Trata-se do dia do nascimento da participante e nas imagens ela é vista recém-nascida, carregada por uma enfermeira que tenta interagir com seu pai e sua avó, para que a segurem no colo. Não há música de fundo, apenas a voz da realizadora contando dos acontecimentos de quando nasceu.

Ela narra quem são as pessoas e chama a atenção do espectador para o fato de que ninguém queria segurá-la, nem seu pai, nem sua avó. Conta que essa última não conseguiu nem se aproximar e nesse momento deixa a filmagem rolar no vídeo, em que se pode ver e ouvir a avó recusando carregá-la e se mantendo distante. Após esse momento, a participante conta, com as imagens ainda na tela, que hoje se sente da mesma forma que quando o bebê no vídeo: uma pessoa que ninguém consegue carregar. Ela conta de uma dificuldade que a acompanha, de pôr seu corpo em contato com outros corpos.

O audiovisual, composto pela história do nascimento da participante, contada em voz-off por ela, expõe elementos que vão para além do acontecimento aparente daquele momento de sua história e esclarecem o modo como as suas primeiras relações familiares se davam. Se toda a constituição de nossa personalidade é antes uma relação externa a nós, que interiorizamos conforme nos desenvolvemos (VYGOTSKY, 2000) quando a realizadora conclui que vem daquelas relações um empecilho em seu próprio modo de se relacionar consigo

O que pode a mediação audiovisual na formação em psicologia?

mesma e com o outro, fica evidente o quanto a produção dessa tarefa deu espaço para um importante processo de reflexão.

Talvez essa seja a função mais óbvia da produção artística da participante, a de possibilitar que ela mesma compreenda sua própria história e que entenda como ela a expressa em seu cotidiano. Não há como a realizadora ter produzido uma obra artística que diz de si mesma, sem que se pense sobre isso. Por sua vez, pensar sobre e colocar o produto de seu pensamento em uma criação artística suscita sentimentos que podem ser importantes no curso de seu desenvolvimento.

Essa reflexão, por sua vez, é possibilitada pela própria atividade no mundo e, portanto, oportunizada pela construção do audiovisual. Essa prática é fator fundamental no que Vygotsky (2000) vai chamar de controle da própria conduta e dos afetos, o que significa que há um salto de qualidade no desenvolvimento, que o sujeito não mais estará submetido aos acontecimentos de sua vida, mas que conseguirá compreendê-los e compreender melhor seu contexto, para, a partir daí, se orientar.

Esse processo de reflexão é caro aos psicólogos, pois urge a necessidade desse profissional de ampliar seu conhecimento sobre a realidade, de ir para além da aparência e de entender a essência das questões que os circundam.

O que a participante fala enquanto as fotos são mostradas deixa claro que ela tem consciência da concretude que a constitui e o tom de voz que usa indica o quanto ela é afetada por esses acontecimentos. Ela fala de forma séria, objetiva, apesar do conteúdo tão íntimo. O jeito como narra faz emergir a impressão de haver um sentimento de tristeza, constitutivo de quem ela é, que não suscita surpresa ou incompreensão.

É possível inferir que os afetos que a constituem foram elementos fundamentais na produção do audiovisual. Da mesma forma, nem a participante pode compreender a totalidade de suas emoções a partir da produção estética. Vigotski (1999) aponta que, pela própria natureza da emoção estética, sua totalidade permanece incompreensível e oculta ao sujeito, que nunca sabe nem entende por que essa ou aquela obra agradou, que o que se tem condição de analisar faz parte de uma explicação racionalizada dos processos que lhe deram origem e que dela se originaram.

Sabe-se que ali a emoção se encontra, já que em toda criação humana há emoções e principalmente na arte elas desempenham um grande papel, uma vez que podem ser

instigadas por qualquer conteúdo e ser de várias espécies: de dor, de tristeza, de compaixão, de indignação, de condolência, de comoção, de horror etc., sendo, por si mesmas, líricas. Entende-se que esse audiovisual, portanto, tem importante impacto para a participante.

Além disso, nos atentamos também para a forma como a relação entre a professora, a participante e outros colegas de sala pode sofrer consequências produzidas por essa atividade. Nela foi possível tomar conhecimento de parte da vida íntima da participante que, de outra forma, não apareceria na sala de aula e, como afirma Vigotski (1999), a arte se difere da ciência apenas pelo método, posto que acarreta o mesmo: conhecimento.

A oportunidade que aqui se coloca para nós é de conhecer a estudante em questão para além da superficialidade como forma hegemônica de relação possibilitada pelas metodologias de ensino-aprendizagem comumente utilizadas na universidade. Com o vídeo, ela compartilha uma parte de sua vida. Isso não é qualquer coisa, visto que as relações são fundamentais em qualquer processo de desenvolvimento e que andam juntas no caminho da formação profissional.

O processo de ensino-aprendizagem e de desenvolvimento andam juntos, visto que o primeiro se apresenta como instrumento para o segundo e que, em uma relação dialética, o desenvolvimento oferece subsídio ao ensino-aprendizagem. Desenvolver-se e aprender, portanto, requerem uma relação impreterivelmente imbricada. Por sua vez, tal relação só tem lugar em nosso interior após ter sido fruto de uma relação, e não uma qualquer, mas uma relação munida de afetos e de intenção (VYGOTSKY, 1989). Entender esses aspectos e incorporá-los a uma metodologia de ensino que formará profissionais psicólogos, a nosso ver, faz toda a diferença.

3.3. Categoria III – conceito

A realização audiovisual – ainda que breve ou de curtíssima metragem – tem em si uma constituição diversificada de elementos, linguagens e signos. Mesmo que aparentemente se projete em torno de uma temática e se mantenha ligada ao objeto de seu roteiro, o audiovisual é necessariamente semiótico. Outras artes e produções humanas são também dialógicas em sua condição, justamente porque todo o processo de criação é sempre uma atividade combinatória (VIGOTSKI, 2009).

O olhar um pouco mais atento poderá verificar uma diversidade de dimensões que constituem um produto audiovisual. Uma boa parte das facetas pode, inclusive, escapar das intencionalidades de seu(s) realizador(es), mas isso também é pouco relevante no trabalho

O que pode a mediação audiovisual na formação em psicologia?

de pesquisa e/ou análise. A questão mais significativa que faz reverberar a qualidade dialógica e a própria autonomia de uma obra é o modo como ela vai mobilizando relações diversas com os espectadores e o contexto de uma audiência.

No caso desta investigação, uma categoria temática que emergiu da audiência foi a presença de questões conceituais nos vídeos em análise. Como dissemos em trecho anterior, não necessariamente essa questão passou pela vontade de seus produtores, todavia, o contexto de produção (graduação em psicologia) e o contexto de audiência (pesquisa acadêmica) podem fazer ver e ouvir conceitos subjetivados, relações teóricas periféricas e, por que não dizer, profanadas na imaginação graduanda.

Essa condição dialógica e multifacetada também indica que os vídeos podem ser lidos e compreendidos sob diferentes lentes de análise. Alguns deles participam em mais de uma categoria. Na verdade, temos indícios para suspeitar que essa transversalidade conceitual atravessa todos os vídeos, mas isso, exigiria^{iv} um olhar muito mais minucioso que esse que nos propusemos a fazer neste momento.

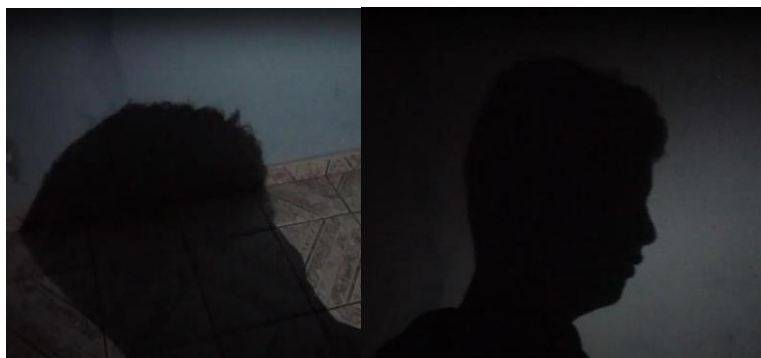
Tomamos dois audiovisuais para refletir um pouco sobre o modo como a questão conceitual constitui o audiovisual. Os vídeos escolhidos são “Meu espaço” e “Tempo”. No primeiro, a participante filma diferentes espaços da universidade. Ela caminha e narra como entende o que é o espaço, como o espaço a constitui e como ela constitui o espaço. O segundo vídeo trata do tempo, exibindo relógios analógicos e digitais e intercalando pessoas falando sobre o tempo. Curiosamente, o vídeo tem apenas 50 segundos, o segundo mais curto entre todos que compõem o campo da pesquisa.

Os dois vídeos tratam de questões que não são específicas do campo acadêmico nem são exclusividades da psicologia. São conceitos extraídos do cotidiano (assunto da oficina que mobilizou a produção audiovisual) e que demandam um olhar mais atento ao mundo e à experiência do realizador do vídeo. A câmera parece colaborar para um deslocamento do olhar, possibilitando uma percepção conceitual, uma visibilidade reflexiva (SOUZA, 2006).

Pode-se dizer, portanto, que há nesses dois vídeos uma apropriação conceitual diferente daquela comum da sala de aula. Há indícios de que a mediação audiovisual potencializou uma compreensão complexa destes conceitos. No vídeo “Tempo”, por exemplo, o conceito deu forma à obra: um vídeo curtíssimo, com signos diversificados e palavras ambíguas, retratam a polissemia do tempo.

Mas o destaque dessa categoria é o vídeo “Minha sombra”. Nesse audiovisual a expressão de si é poética. O participante/realizador projeta sua imagem, sua sombra na parede. A câmera se movimenta e ele vai aos poucos apresentar seu perfil na parede.

Figura 3. Trechos do audiovisual “Minha sombra”



Fonte: Registro dos autores. Arquivo pessoal

Nesse sentido, o audiovisual “minha sombra” tem uma potência dialógica, isso porque a ideia conceitual da sombra tem relações tanto com o campo da psicologia como também do cinema. O participante/realizador desse vídeo brinca com as possibilidades da sombra, ele joga com a luz, fazendo-se diretor e ator concomitantemente. A câmera levemente movimentada focaliza o rosto desse que é, além do protagonista, espectador de si. Ao mesmo tempo em que descentra sua imagem para a sombra, experimenta também a ludicidade fotográfica (SOULAGES, 2010).

O vídeo, aparentemente, não sofreu edições e não teve interesse com a sonoplastia. O que aparece no decorrer de um minuto e meio é uma cena levemente movida do piso à parede, exibindo o que poderíamos denominar de “sombra bruta”, algo que combina com os ruídos que participam do vídeo. Essa sombra não lapidável, volumosa e multidimensional parece imbricada no intervalo entre cinema e psicologia, entre luz e sombra, escultura e alma (MACHADO, 2005).

Apesar de verificar a apreensão conceitual na investigação que realizamos, observamos que não deve ser o propósito da mediação audiovisual a transmissão conceitual (GOMES, 2016). A questão conceitual pode emergir, todavia, é preciso escapar de uma apropriação utilitária da arte que, entre outras práticas, visa utilizar o filme como ilustração teórica e conceitual. No percurso da experiência que analisamos, observamos que a dimensão

conceitual entra em cena tramada pelo processo criativo, há espaço de criação, há uma fruição e uma apropriação corporificada do conceito.

4. Considerações

É importante destacarmos que não estamos interessados em defender que os audiovisuais produzidos pelos participantes sejam considerados arte. O que nos interessa defender é o processo, a entrega, a reflexão, a potência provocada pelo encontro. Desse modo, entendemos que a disciplina no formato proposto, com discussões teóricas e oficinas artísticas, oferece um espaço dialógico e um processo criativo, o que modifica o processo formativo.

Neste texto, optamos por uma definição metodológica que pudesse contemplar nossa aposta na experiência estética na composição formativa em psicologia. A escolha por retratar tematicamente (Cotidiano, Expressão de si e Conceito) as realizações audiovisuais dos estudantes foi uma forma de privilegiar o processo pedagógico afirmado na disciplina, bem como, dar pistas sobre os efeitos formativos que a mediação audiovisual pode produzir na formação em psicologia.

O processo de formação em psicologia, comumente, nega a experiência, nega o corpo, nega o cotidiano e, se não nega, fragmenta. A psicologia tem a tradição na palavra falada, verbalizada. A universidade, muitas vezes, se faz espaço de conhecimento e não espaço de vida. Em sua ementa, a disciplina propõe discutir a importância da arte para a formação do psicólogo, assim como propõe a fruição e a apreciação de diferentes artistas e obras de arte a partir de diferentes linguagens artísticas. Por meio de discussões teóricas, propusemos defender a importância da arte para a formação não apenas em psicologia, mas para uma formação humana ética, estética e política. O audiovisual exige uma composição, uma escolha pensada sobre o que e como mostrar, que música escolher para compor o que quer mostrar e, com isso, ele apura o olhar, mas, mais que apurar o olhar, ele mostra, mostra a vida, o entorno, as tramas que compõem e constituem os sujeitos.

Olhar, escutar e compreender o cotidiano são aspectos importantes na formação em psicologia e, com o audiovisual, o sujeito tem a possibilidade de enxergar o cotidiano e a si mesmo com detalhes, cores, sons e profundidade que antes não enxergava. A câmera e o audiovisual acolhem esse sujeito na sua singularidade, na sua possibilidade de brincar com as coisas, com outras condições, com outras emoções. O estudante não se encontra cerceado

pela pesquisa, pelo trabalho acadêmico, pelo método ou pelo roteiro, como nos alerta Spink (2008), mas ali há criação. Os audiovisuais são exemplos visíveis da necessidade e da capacidade de cada estudante em elaborar, relacionar partes da vida, do cotidiano, com aquilo que a formação tradicional não tem relacionado.

O primeiro ponto em comum desses vídeos é a experiência estética, o encontro estético capaz de oferecer outras possibilidades de compreensão da realidade. A experiência estética que afirmamos e discutimos neste texto, a partir da análise dos vídeos, revela indícios de uma mediação integradora na formação em psicologia. Em outras palavras, apesar das categorias temáticas apontarem para três dimensões, a saber, cotidiano, expressão de si e conceito, na realização audiovisual essas dimensões estavam amalgamadas. Retomando o delineamento metodológico, é relevante dizer que os vídeos não foram subdivididos nas temáticas analisadas. Um e outro produto foram citados em diferentes categorias, indicando a forma tramada desta experiência.

Ainda sobre as categorias temáticas, é preciso dizer que a primeira (Cotidiano) pode revelar um pouco do que foi intencionado na disciplina, tanto pelo convite aos estudantes como pelos recursos que mediaram oficinas. Ao exibirem cotidianos, de algum modo, estavam flertando com as relações entre “arte” e “vida”, experienciando outros olhares para o comum, ensaiando uma psicologia sensível. Não gratuitamente, os vídeos acumulam material para as outras duas categorias: expressão de si e conceito. E, por acaso, não seria essa uma tensão comum na formação? As vivências pessoais mediadas por teorias, dito de outra forma, as transformações em curso no processo de graduação.

Com a câmera fixa em um ponto ou solta acompanhando o movimento, os participantes brincam com os fatos, eles experimentam novos olhares para a rotina, para as pessoas, para os encontros, para aquilo que é familiar e, assim, contam, recontam e criam histórias simples. A atividade estética e criadora não se apresenta apenas no produto ou no processo, mas no efeito que produz nos sujeitos. Ela produz novas formas de sentir, pensar, agir e, com isso, novas possibilidades de ser sujeito, de ser profissional.

Referências

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Ano da formação em psicologia**: revisão das diretrizes curriculares nacionais para os cursos de graduação em psicologia. São Paulo: Conselho Federal de Psicologia/Associação Brasileira de Ensino de Psicologia/ Federação Nacional dos Psicólogos, 2018. 143 f. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/publicacao/ano-da-formacao-em-psicologia-2018/>. Acesso em: 05 fev. 2021.

O que pode a mediação audiovisual na formação em psicologia?

GOMES, Allan. **Mediação audiovisual e atividade imagética**: um encontro com trabalhadoras no campo da desigualdade social. 110 f. 2016. Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Florianópolis, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/176731>. Acesso em: 05 fev. 2021.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história** [recurso eletrônico]; tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. - 1. ed. - São Paulo: Paz e Terra, 2016. 66p.

MACHADO, Arlindo. Apresentação. In: COSTA, F. C. **O Primeiro Cinema**: espetáculo, narração e domesticação. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2005.

OLIVEIRA, Irani Tomiatto de et al. Formação em Psicologia no Brasil: Aspectos Históricos e Desafios Contemporâneos. **Psicologia: Ensino & Formação**, Jan/Jun, 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S217720612017000100002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 05 fev. 2021.

PASQUALINI, Juliana e MARTINS, Ligia. Dialética singular-particular-universal: implicações do método materialista dialético para a psicologia. **Psicologia & Sociedade**. v. 27, n. 2, 362-371p., 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0102-71822015000200362&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 05 fev. 2021.

PEIXOTO, Nelson B. O Olhar do Estrangeiro. In: Novaes, A. (Org.). **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p.361-365.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. Trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

SOULAGES, François. **Estética da Fotografia**: perda e permanência. Tradução de Iraci D. Poleti e Regina Salgado Campos. São Paulo: Editora SENAC, 2010.

SOUZA, Solange Jobim. A pesquisa em ciências humanas como intervenção nas práticas do olhar. In Lenzi, et al., **Imagem**: intervenção e pesquisa. Florianópolis: Editora da UFSC NUP/CED/UFSC, 2006.

SPINK, Peter. O pesquisador conversador no cotidiano. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v.20, p.70-77, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822008000400010>.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Psicologia da Arte**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. Manuscrito de 1929. **Educação e Sociedade**. n. 71, pp. 21 à 44. Campinas, 2000.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Imaginação e criação na infância**. Tradução Zoia Prestes. São Paulo: Editora Ática, 2009. 135p.

Notas

ⁱ<https://arteepsicologiaufu.blogspot.com/> é o link do blog da disciplina. O blog é um documento público, mas, apesar disso, os autores contataram, via email, todos os estudantes que permitiram que as análises de suas produções fossem realizadas.

ⁱⁱYuji Kodato é fotógrafo e realizador de imagens em movimento, principalmente documentários, videoarte, filmes experimentais e projetos fotográficos autorais. Seus temas recorrentes giram em torno do cotidiano, da cidade e de investigações sobre o corpo. As informações sobre o artista e sobre seu trabalho podem ser acessadas no site <http://www.yujikodato.com/>.

ⁱⁱⁱ“Entre parênteses de mim”, “Das vibrações e ecos”, “Sacada”. No primeiro, a participante filma crianças brincando; no segundo, a câmera está direcionada para as cordas do violão e dedos tocam as cordas; no terceiro, a câmera está fixa na sacada e filma o fluxo dos carros e dos pedestres. Em todos, as imagens são delicadas, mas devido à ausência de som, os autores optaram pela exclusão, uma vez que a análise está dirigida ao audiovisual como obra composta pela linguagem verbal, sonora e visual.

^{iv}Exigiria, por exemplo, saber de outras disciplinas, áreas do conhecimento e teorias que não conhecemos, para percebê-las no texto audiovisual; exigiria também que o objetivo da investigação fosse especificamente sobre essa transformação do conhecimento teórico em roteiro e obra audiovisual. Mas a principal questão é que não estamos orientados por uma leitura que prevê na obra o seu autor; nossa intencionalidade é outra, de verificar na obra alguns detalhes da vida, da cultura, da história, dos contextos de criação e espetação.

Sobre os autores

Eliane Regina Pereira

Professora no Departamento de Psicologia e no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Pós-doutora em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: pereira.elianeregina@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6372-9059>.

Barbara Maria Turci

Psicóloga formada pela Universidade Federal de Uberlândia no ano de 2015 e mestre desde 2018 pela mesma universidade, na linha de pesquisa de processos psicossociais em saúde e educação. Atualmente atua como psicóloga clínica seguindo a linha teórica da Psicologia Histórico-Cultural. Email: barbaramturci23@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8635-6718>.

Allan Henrique Gomes

Doutor em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Docente no Programa de Pós-graduação em Educação e curso de Psicologia da Universidade da Região de Joinville - SC (UNIVILLE). Líder do Núcleo de Pesquisa em Educação, Política e Subjetividades (NEPS). Professor na Associação Catarinense de Ensino (FGG/ACE). E-mail: allanhg@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5366-8600>.

Recebido em: 06/06/2023

Aceito para publicação em: 29/07/2023